



MULHERES INDÍGENAS, SIM. PROFESSORAS POR QUE NÃO? ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E PODER NA COMUNIDADE XERENTE.

Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem ¹

O presente trabalho resume uma pesquisa sobre as representações sociais de gênero no cotidiano do trabalho docente no interior da comunidade indígena Xerente no município de Tocantínia – TO. Nesse sentido, analisa a partir das relações de gênero os fatores objetivos e subjetivos que perpassam o cotidiano de vida e de trabalho, as motivações e interesses, além de tentar compreender como os processos de formação/ escolarização tem contribuído para vida dessas mulheres.

Como base conceitual para a análise, escolheu-se a categoria Gênero, enquanto categoria histórica e relacional, sempre dialogando com as categorias: Identidade, Poder, Trabalho docente, Divisão sexual, Dominação Masculina.

A pesquisa de campo foi realizada em duas aldeias da etnia Xerente, situada na cidade de Tocantínia, TO. O material foi coletado através de entrevistas do tipo história de vida com seis mulheres docentes e dois caciques, bem como, a realização de observação participante e diário de campo. Nas trajetórias de vida foram analisados os seguintes pontos: o perfil dos (as) entrevistados (as), que inclui idade, estado civil, escolaridade, número de filhos e renda familiar. As representações de gênero no cotidiano pessoal e profissional dando destaque aos seguintes temas: relações de gênero no cotidiano doméstico, divisão sexual do trabalho, espaços ocupados pelas mulheres Xerente, participação política.

1-Trajelórias e recortes de vida

A perspectiva dialógica da subjetividade fornece importantes elementos à análise dos processos identitários e das questões do feminino entre as mulheres Xerente. O destaque que essa perspectiva confere ao contexto relacional, à construção e interpretação dos sentidos e realidades compartilhadas serve de base para compreender a construção da identidade e os processos subjetivos dessas mulheres. Assim, através da análise dos resultados é possível evidenciar nas representações dos/as entrevistados/as, questões ligadas às dimensões do conceito de gênero e de que maneira os processos de formação/escolarização contribui para as professoras refletirem sobre as relações entre homem e mulher na comunidade.

¹ Mestre em Educação – Universidade Federal de Sergipe. msfsantos@yahoo.com.br



Para tanto, através das trajetórias de vida foi possível analisar o passado e o presente, com o intuito de verificar como se estabelece o processo de mudanças e permanências, igualdades e desigualdades na vida dessas mulheres professoras no tocante à condição do feminino, de trabalho e das relações de gênero.

As trajetórias revelaram que as vidas das mulheres pesquisadas são reguladas pela luta cotidiana, pela diferença, pela posição desigual numa relação hierárquica, pelos conflitos identitários e à mudança no modo de vida advindos da modernidade, pela introdução de novas tecnologias, mas também pela complementaridade. As suas trajetórias anunciam as marcas das relações de gênero e denunciam as dimensões materiais e simbólicas, referentes ao lugar que ocupam na sociedade.

1.1 Caracterização do grupo pesquisado

Essas mulheres indígenas residem na zona rural e exercem a docência no referido ambiente. São estudantes tanto do nível médio quanto da graduação. Com idade entre 31 e 49 anos, renda familiar total entre um e dois salários mínimos, quase todas elas são as provedoras do lar, mesmo que seus companheiros exercem função assalariada. Portanto, o núcleo familiar é composto da seguinte forma: homem - autoridade responsável pela respeitabilidade da família e a mulher - provedora, chefe da casa, cuidadora das crianças.

Em relação ao número de filhos/as, mesmo considerando a importância da maternidade, as mães entrevistadas mostraram, em geral, a preocupação quanto à formação de famílias numerosas, principalmente em vista da falta de condições financeiras para manterem os filhos como desejam. Assim, a grande maioria opinou que as mulheres devem ter poucos filhos, principalmente em razão de suas expectativas de vida, ou seja, a continuidade e permanência nos estudos e a sua inserção no mercado de trabalho.

1.2 Trajetórias de vida: entre permanências e mudanças

As relações de gênero presentes no cotidiano dessas mulheres indicam, também, um quadro de situações variadas e complexas que impossibilita considerar apenas uma das dimensões que as possam traduzir, ou seja, unicamente um quadro de permanências nas relações de gênero, indicando desigualdades e submissão feminina, por um lado, ou mudanças nessas relações, revelando um quadro inteiramente novo de práticas marcado por autonomia e emancipação feminina, por outro lado.



A análise dos dados mostra que as práticas de vida das mulheres Xerente se constituem a partir da coabitação de permanências (convivem com a reprodução de posições de gênero bastante tradicionais) e mudanças (maior escolarização, a assunção de novos papéis políticos, o trabalho, a economia familiar) abrindo assim, novas possibilidades para melhor condição feminina.

Ao tempo em que se verifica a presença de situações tradicionais e de desigualdades de gênero, aqui apresentadas através de alguns fatores referentes à divisão sexual do trabalho, violência de gênero, submissão, observa-se, também, a presença de mudanças e de poder feminino, evidenciado não só pela condição de provedoras econômicas que amplia seu poder de atuação no interior da família, mas pelas atitudes e comportamentos que evidenciam reações e insatisfações junto às situações desiguais de gênero vividas.

No universo pesquisado, tais dimensões que se configuram entre o tradicional e o moderno, entre o velho e o novo se apresentam, concomitantemente, formando o quadro através do qual se processam as mudanças nas relações de gênero. O que faz com que não se possa afirmar que as identidades femininas, aqui analisadas, sejam construídas exclusivamente em relação aos papéis reprodutivos ou signifiquem simplesmente uma reprodução total de práticas e valores tradicionais.

Partindo do pressuposto de que a identidade feminina é socialmente construída pode-se afirmar que tanto a mulher quanto o homem vão se formando a partir de condicionantes biológicos, psicológicos e, sobretudo, socioculturais. Mesmo com a mudança social ocorrida na segunda metade do século XX, quando as mulheres passaram a ocupar o espaço público, a concepção do grupo pesquisado ainda está atrelada ao espaço privado e à maternidade, como mostra os seguintes depoimentos:

Nós, assim as mulheres poderia obedecer nosso pai. Que a primeira coisa que nosso pai dá, é conselho, né? Não assim saindo de noite, né? Tem que aprender alguma coisa, fazer de noite cestinho ou cofo, eu penso assim. Tem que ficar só dentro de casa, né? [...] Talvez o marido vai para algum lugar, aí tem que ficar só dentro de casa, né? Cuidar das coisas. Tratar bem o marido, a gente dá comida na hora certa, eu penso assim. (KUZÂP, 31 anos, casada).

A mulher Xerente casada ela não deve fazer coisa errada, se envolver com outros homens, deve cuidar dos filhos, ajudar o marido. (KBAZI, 43 anos, casada).

Esses depoimentos revelam que a mulher casada é representada, como mãe, provedora do cuidado, deve apoiar o marido, deve ser companheira, deve ter um comportamento exemplar. Já a mulher solteira, é um pouco mais livre no relacionamento tanto com homens quanto com mulheres da sua idade. A figura paterna até o casamento tem grande poder sobre as filhas, porque elas



pertencem ao Clã² do pai, mas a grande referência do comportamento da mulher é a figura do marido, ou seja, das concessões e proibições.

A mulher casada, ela tem um jeito assim diferente. Ela não é conversadeira, fica quieta, olha os homens assim de cara baixa, não olha assim diretamente. Quando ela olha, vira rápido. Agora a mulher solteira não, né? Eu percebi que a mulher solteira ela é aberta, elas olham, sorriem. (WAHIRÊ, 38 anos, casada).

Acho que é diferente. A mulher casada não sai. Tem algumas que saem, mas não é todo mundo. As solteiras podem sair, conversar com outras pessoas. (KRITO, 31 anos, casada).

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. Nessa perspectiva, admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas e constituintes dos gêneros.

Nos Xerente, o masculino e o feminino possuem papéis e atribuições bastante diferentes e desiguais desde a sua infância, ou seja, o homem realiza atividades de maior prestígio na comunidade, como por exemplo, as de subsistência da família. A menina torna-se mulher ao seguir os passos de sua mãe. Ela deve aprender através da observação, a cuidar dos irmãos, a preparar o alimento, a cuidar da casa, já o menino, é poupado dessas atribuições, pois deve seguir os passos de seu pai. Essa afirmação é ratificada em quase todos os depoimentos ao relatarem sobre sua infância.

[...] era uma menina muito quieta, dentro de casa, só trabalhando e trabalhando e sendo babá das irmãs e dos irmãos. E eu também brincava, né? Tinha o momento em que eu brincava, não assim todo dia, mas eu brincava, né? E quando tinha o máximo de oito anos eu brincava de casinha. Aí, o que me deixou marcante, quando meu pai fez uma casinha pra mim. Só pra eu brincar. Aí, eu tinha umas coleguinhas que iam lá e desde criança eu tinha assim, vontade de ter um menino. Aí, eu pedi a meu pai pra comprar uma boneca assim. Um boneco homem, aí meu pai comprou. Aí, com aquele boneco eu brincava muito. (WAHIRÊ, 38 anos, casada).

Eu ajudava na casa, lavar roupa, lavar os trem (*louças*), varrer a casa. Os meus irmãos, não. Eles andavam com meu pai, ajudavam a limpar o quintal (KRITO, 31 anos, casada).

Me lembro que quando era pequena fui aprendendo as coisas com o meu pai. Ele não gostava que a gente saía para a casa dos outros. Levava a gente para a roça e eu gostava dele também. Toda vez que ele me chamava, eu ia carregar cofo³ para ele. [...]Eu falava tudo com meus pais e me botava em casa pra fazer comida, ele não gostava de comida da cidade, eu fazia beju, grolado para ele e os meus irmãos ajudavam só na roça (KUZÂP, 31 anos, casada).

A hierarquia entre os sexos é manifestada primeiramente às meninas e aos meninos na experiência familiar. Ambos compreendem pouco a pouco que a autoridade do pai é soberana, mesmo que não se faça sentir no cotidiano. É incorporada pela menina, a concepção do ser mulher, traduzida por estarem em segundo plano – recôndita, obediente, educada, sentimental, facilmente

² Grupo ou categoria de pessoas que traçam a mesma descendência, ou pelo pai ou pela mãe (RAMOS, 1986).

³ Espécie de um saco confeccionado de tala de buriti principalmente pelas mulheres anciãs.



conduzida por regras e normas. Nos meninos, encoraja-se a liderança, o domínio e a soberania (FAGUNDES, 2005).

A trajetória que culmina na formação da família de procriação dessas mulheres, não se dá de forma linear e nem através do cumprimento das etapas tradicionais do namoro, casamento e gravidez como etapas sucessivas, ao contrário, constituem-se numa multiplicidade de situações onde há antecipação de umas etapas em relação a outras. O quadro diversificado de significados e motivos geradores da formação da família inclui em geral, questões relacionadas ao desconhecimento sobre a sexualidade, a gravidez não planejada e a expectativa de casamento enquanto mudança de vida.

O momento do casamento para essas mulheres representava de um lado, um incremento na autonomia feminina. Uma vez casada, a mulher teria sua própria casa, seus filhos, não seria criticada pela comunidade. Por outro lado, assumiram não estar preparadas para assumir a responsabilidade de dona de casa.

[...] quando eu me casei com meu marido, eu me arrependi. Que não era o momento de eu ficar casada. Porque eu fiquei só, sem as amiguinhas, né? Aí, eu fiquei muito triste, eu chorei, chorei demais. Quando eu morava com minha família era minha mãe que fazia a comida, e eu só ajudava. Mas, agora quando casei com ele, tudo era eu. No meio aqui de muita gente me olhando, fiquei com muita vergonha. Eu quase, quase, fugi. (WAHIRE, 38 anos, casada).

Isso implica dizer que a formação da família não necessariamente vinha acompanhada de sentimentos de amor ou paixão, podia representar um arranjo cultural visando cumprir as tradições culturais definidas pela comunidade, uma vez que a notícia da gravidez sem estar casada era motivo de discriminação, principalmente pelos rapazes da aldeia. A voz da cultura de origem se sobrepôs à voz da mudança/transição. Ao aceitar o casamento, reitera o valor da tradição e reproduz seu lugar como mulher. Aponta também para o fato de que as relações entre os homens e os arranjos por eles feitos devem ser respeitados, mesmo que em detrimento da vontade das mulheres.

Outra dificuldade enfrentada era a falta de condições financeiras dos pais para cuidar dos netos.

Meu pai disse que eu tinha que casar, pois era ruim o menino sem pai quando nascer. Meu pai e minha mãe não tinham condição de criar, não tinha dinheiro. [...] Aí, meu pai disse que era para casar logo, antes que a barriga crescesse. Aí, minha mãe pediu o mais velho seu Isaac, para fazer reunião com a mãe dele e ele. Aí, a mãe dele falou que era para casar logo, para não desistir. Aí, eu casei. (KRITO, 31 anos, casada).

Eu pensei “se eu ficar solteira, talvez eu posso arrumar outro e engravidar de novo”, mas esse meu marido que eu estou com ele, eu já tinha conhecido ele e ele queria casar, só que eu estava grávida do meu filho⁴. Aí, ele falou que queria casar, não agorinha não, porque eu estava grávida do meu filho. Aí, depois eu ganhei, pensei:

⁴ Estava grávida de outro rapaz da aldeia.



“quando crescer o menino, eu vou casar”. Eu não quero dar assim trabalho para minha mãe, porque a minha mãe sofreu junto comigo (KUZÂP, 31 anos, casada).

Atualmente, as mudanças nas relações socioeconômicas advindas do complexo processo de globalização que, para uns se apresenta como um “mundo em descontrole” (GIDDENS, 2002) e para outros, um processo contraditório que requisita a um só tempo a homogeneização de estilos, comportamentos e hábitos de consumo e, também, as diferenças, desigualdades e pluralismo cultural e social (CASTELLS, 2008) no qual tem modificado não só o sistema econômico como também a transformação de contextos locais e culturais, com repercussão no cotidiano e nas relações sociais, tem levado a uma ressignificação das relações de gênero dentro dessa comunidade.

Para tanto, em decorrência dessas mudanças e dos processos de transição cultural, as mulheres entrevistadas parece avaliar criticamente o lugar da mulher constituído sociohistoricamente como objeto da ação e das escolhas masculinas, dizendo que não deseja o mesmo para seus filhos e filhas. Quando questionadas se gostariam que suas filhas e ou filhos casassem na mesma idade que elas casaram, emitiram as seguintes afirmações:

Eu falava para meus filhos, para não casar muito jovem, para estudar, conseguir uma coisa na vida, mas nem isso aconteceu. Aí, eu fico muito triste por causa disso, porque, como até hoje, a gente, eu mesmo, não estou vendo nenhuma das minhas filhas formadas, né? E elas sempre são dependentes do marido. Quando elas eram jovens, eu passei tudo pra elas o que minha mãe passou para mim. Que não era bom casar tão cedo, que não era bom ter filhos bem nova. Mas elas não quiseram ouvir né? Agora estão ali. (WAHIRÊ, 38 anos, casada).

No entanto, é perceptível em alguns momentos dos depoimentos que a voz da cultura de origem se sobrepõe à voz de mudança.

Aparecendo um rapaz que queira casar, eu posso pedir para esperar um pouco, mas se ele não quiser esperar, eu tenho que fazer o casamento. Também, não pode namorar muito, tem que casar logo. Às vezes, o rapaz pode desistir, por isso tem que casar logo e muitas vezes sem gostar. O meu marido sustentava assim. A minha filha casou assim, não queria, mas a cultura nossa é assim [...]. (KROZAKE, 49 anos, viúva).

Num outro depoimento, quando travamos um diálogo sobre a educação dos filhos, Wahirê afirma que mesmo ela permanecendo mais tempo com os filhos no ambiente doméstico, a autoridade e a educação dos filhos é de responsabilidade do pai/marido.

A educação cabe aos dois. Porque, por exemplo, eu sou mulher, mas eu fico mais dentro de casa, né? Eu passo mais conhecimento pra eles do que meu marido. Só que tem uma coisa assim, se acontecer uma coisa grave com os nossos filhos, é ele que é responsável. Ele é a autoridade de casa. Ele é o pai, né? As crianças pertencem a ele. Eu não tenho nada a ver. Mas, antes de acontecer isso, eu faço a minha parte, parte que a Maria faz, uma mãe faz. Mas se aconteceu uma coisa que mesmo que eu falo, mesmo que eu conto, mesmo que eu digo não é aquilo, aí a responsabilidade é dele. (WAHIRÊ, 38 anos, casada).

Sendo assim, é possível se compreender alguns aspectos da dinâmica social a partir da própria dinâmica feminina, entendendo que a posição ocupada pelas mulheres na sociedade e as



mudanças ocorridas nas relações de gênero, indicam, também o nível de desenvolvimento desta sociedade, pois a melhoria da sua condição de agente tem ocasionado mudanças sociais importantes e o ganho de poder que adquirem torna-se fundamental no processo de desenvolvimento social, sendo este obtido, sobretudo, através da concessão de educação e inserção no mercado de trabalho.

Outrossim, as determinações sociais de gênero interferem no cotidiano das mulheres. Os fatores que advém da relação desigual entre os sexos, seja na relação familiar, bem como nas definições de papéis masculinos e femininos estabelecidos pela sociedade, são determinantes nesse processo de dominação. O poder masculino começa a ser redefinido quando a mulher conquista sua autonomia e começa a questionar as relações de poder no lar e rediscutir a sua condição. O relacionamento dos casais se torna polêmico quando a decisão da mulher fere a autoridade e o poder masculino. Os maridos se consideram menosprezados e desrespeitados, por exemplo, quando a mulher ingressa no mercado de trabalho e nos processos de escolarização.

1.3 O significado do trabalho e escolarização: mudanças nas relações

As mudanças nas relações socioeconômicas transformaram a dinâmica social Xerente em uma velocidade que os homens, em sua maioria, não foram capazes de acompanhar, o que tem levado a uma ressignificação das relações de gênero dentro do grupo. Paulatinamente, as mulheres começam a assumir ou dividir o sustento financeiro da casa com o fruto do seu artesanato, passando também a assumir papéis inéditos na vida pública, antes destinados apenas aos homens.

O ingresso no mercado de trabalho e maiores níveis de escolarização tem proporcionado mudanças significativas tanto na vida individual quanto coletiva dessa comunidade, principalmente para as mulheres, com a independência financeira, está trazendo maiores possibilidades de autonomia e liberdade.

Mudou um pouco, assim. Porque o ano passado eu não tinha dinheiro, não tinha nada para comprar roupa, assim. Eu mudei um pouco assim. Antes eu era tímida demais, não conversava com o 'branco', porque eu tinha medo de errar. Agora eu estou acostumada. (KRITO, 31 anos, casada).

Eu era tímida com meus alunos. Eu lecionava no quadro, depois que eu estudei com os brancos, eu aprendi como que os professores brancos fazem com os alunos, fui aprendendo a passar para os meus alunos. (KUZÂP, 31 anos, casada).

Além do que, o trabalho tem sido a porta de entrada para o exercício de cidadania tanto de homens quanto de mulheres dessa comunidade.

Depois que eu comecei a trabalhar como professora, minha vida mudou. Porque antes eu não sabia escrever bem a língua materna. Agora, no atual de hoje, eu começo a trabalhar com as criancinhas a minha língua materna. Eu acho que também, até o meu jeito assim de conversar mudou. [...]. A comunidade me chama para



participar das reuniões. Eu falo dos dois lados. Nossa cultura e a cultura do não índio. Eles me chamam pra ir, aí, eu falo o que eu entendo. (WAHIRÊ, 38 anos, casada).

Se eu não tivesse me preparado, hoje nós não estaríamos discutindo de igual pra igual. Nós temos hoje pessoal aí concursado. Se não tivesse estudado, nós seríamos um Zé ninguém, igual muitos índio que eu vejo aqui no Estado do Tocantins. Conheço muitos que estão atrasados, não sabem reivindicar seus próprios direitos. Ao contrário nosso. Nós já brigamos, já nos auto representamos, já discutimos com a sociedade. Conhecer a Educação é se preparar para o futuro e esse futuro eu digo, que é hoje. (SOL, 45 anos, casado).

O sentido da profissão docente para as entrevistadas está ligado à concepção que elas têm da coletividade, ou seja, auxiliar seu povo a melhorar suas relações com o mundo globalizado. Uma vez que, o contato com a sociedade branca gerou para o povo xerente demandas e desejos antes inexistentes. A transformação da relação entre a necessidade e consumo, o significado social da educação como estratégia de se buscar um futuro melhor, entre outros, penetram o universo xerente, fazendo-os repensar seu lugar social, em um processo repleto de tensões.

Ah, ser professora pra mim, é uma mulher como eu. Que estou ajudando as crianças da minha comunidade a crescer, através do meu conhecimento repassado para eles, para que possa primeiro saber ler, escrever, para quando tiver na cidade, ler as coisas e também se defender, que é o mais importante, se defender de qualquer coisa da vida. (WAHIRÊ, 38 anos, casada).

Eu quero ajudar meu povo. Igual eu trabalho aqui. Eu trabalho com língua materna, porque dos nossos parentes estão perdendo as línguas, perdendo a língua, ser professora para mim é isso. (KUZÂP, 31 anos, casada).

Para o cacique Lua, a inserção da mulher no espaço público é importante, pois elas interagem melhor com o conhecimento da sociedade não indígena. No entanto, o seu depoimento traz à tona a ligação da mulher ao espaço doméstico.

É bom. Elas estão se esforçando, estudando, orientando na área da saúde, limpeza das casas, das crianças, os remédios na hora certa. Hoje não é como de primeiro, o índio não usa só remédio do mato, usa muito da farmácia e elas sabem orientar (LUA, 33 anos, casado).

Ao ser questionado sobre a atuação da mulher no magistério, faz a seguinte declaração: “É bom, porque tem muita coisa que a gente não sabe e a mulher sendo professora, ensina algumas coisas”.

Já o Cacique Sol, relata que sempre foi a favor da mulher indígena adentrar ao mercado de trabalho assalariado, mesmo a comunidade sendo contra pela possível falta de ‘competência’ do feminino, como mostra esse trecho da entrevista.

Eu sempre fui a favor. Lá em casa mesmo, botei minhas filhas para estudar. E estava mostrando para eles, até pra muitos, que elas também são capazes. Muitos ficam: ah, mas elas não sabem de nada, são mulheres. Falei aí, mas muitas vezes elas vão ter mais capacidade do que nós. Eu acho que se der uma oportunidade. Nós temos muitas índias com muita capacidade, que vão ser melhores do que muitos homens. Elas vão ter capacidade superior a muitos homens. Então eu penso assim que, o ser humano ele não é um melhor do que o outro. (SOL, 45 anos, casado).



É interessante notar o posicionamento do cacique Sol, no depoimento acima. Primeiramente, ao dizer que “eu sempre fui a favor. [...], muitos falava assim”, mostra que as identidades são construídas socialmente (FAGUNDES, 2005), uma vez que o classifica como ‘diferente’ do restante da comunidade. Assim, os condicionantes, psicológicos, biológicos, socioculturais e, particularmente, seu maior nível de escolarização, o contato com o branco, o trabalho assalariado e sua condição de mestiço⁵ estão sendo decisivos para construção de sua identidade masculina. Em contrapartida, parece reconhecer que a condição do feminino nessa comunidade oscila entre permanências e mudanças, quando diz que “Nós temos muitas índias. [...] Elas vão ter capacidade superior a muitos homens”.

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CRUZ, Maria Helena Santana. *Trabalho, gênero, cidadania: tradição e modernização*. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*; tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. *Mulher e pedagogia: um vínculo re-significado*. Salvador: Helvécia, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

⁵ Os filhos de brancos com índios são chamados de mestiços.